

SILVEIRA, M. D.; MILANO, L. Das relações singulares entre o som e o sentido na clínica fonoaudiológica de linguagem: a escuta como procedimento enunciativo. *ReVEL*, vol. 18, n. 34, 2020. [www.revel.inf.br]

DAS RELAÇÕES SINGULARES ENTRE O SOM E O SENTIDO NA CLÍNICA FONOAUDIOLÓGICA DE LINGUAGEM: A ESCUTA COMO PROCEDIMENTO ENUNCIATIVO

On the unique relationships between sound and meaning in language speech therapy: listening as an enunciative procedure

Mélany Dias da Silveira¹
Luiza Milano²

melanysdias@gmail.com
luizamilanos@gmail.com

RESUMO : O presente artigo propõe uma reflexão acerca da noção de escuta que prevê suscitar repercussões para o âmbito da clínica de linguagem, partindo de uma leitura singular de contribuições da linguística enunciativa benvenistiana. Há, nesse sentido, um deslocamento realizado a partir de noções presentes em textos de Émile Benveniste, tais como: forma, sentido, subjetividade na linguagem – que pressupõem uma noção de escuta e que podem vir a desempenhar um papel relevante na atuação fonoaudiológica em clínica de linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: clínica de linguagem; escuta; forma; sentido.

ABSTRACT: This paper proposes a reflection about the idea of listening, forecasting a possible repercussion in the ambience of language clinic, considering a singular reading of Benveniste Linguistics contribution. In this regard, a displacement of notions present in Émile Benveniste's work is made, such as those of form, meaning, subjectivity in language – concepts that assume a listening notion, which may play a relevant role in language clinic actions.

KEYWORDS: language clinic; listening; form; meaning.

1. INTRODUÇÃO

Desde o ponto de vista que cumpre iniciar o presente artigo, assumimos uma perspectiva disposta a pensar a clínica de linguagem como um campo específico da construção singular de relações entre a forma e o sentido na língua. De fato, a dimen-

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora e orientadora no Programa de Pós-graduação em Letras na mesma universidade.

são fônica das línguas, quando se trata da construção e/ou do reconhecimento de entidades linguísticas, assume particularidades no campo de atuação da clínica fonoaudiológica dos distúrbios de linguagem. Dessa forma, a partir de um viés linguístico-enunciativo nos interrogamos a respeito da especificidade da escuta na clínica de linguagem.

Considerando a clínica de linguagem como uma especificidade de atuação da fonoaudiologia, surgem-nos questões a respeito do papel que o lugar de escuta desempenha nesse singular espaço de trabalho com a linguagem. Com o intuito de respaldar linguisticamente uma abordagem das particularidades que o aspecto fônico da língua assume nesse contexto, buscaremos amparo nas contribuições da teoria benvenistiana.

Este destaque aos estudos do linguista sírio-francês Émile Benveniste se justifica pela possibilidade de relacionar o homem com sua própria fala e resgatar o lugar do sujeito na linguagem, perspectiva que nos fornece subsídio para refletir a respeito das posições e atitudes dos sujeitos que estabelecem um ato enunciativo bastante específico: o fonoaudiólogo, um especialista em linguagem, e o paciente, um sujeito às voltas com a desorganização de seu sistema fônico. É nesse sentido que acompanhamos Flores, ao situar a concepção de linguagem que ancora seus estudos no terreno das falas ditas desviantes; segundo o autor, trata-se de “uma linguística que nada mais é do que um ensaio sobre a singularidade do homem na língua e, por ele, poder abordar a fala daqueles que a linguística excluiu para se instituir” (Flores, 2004: 229).

2. ÉMILE BENVENISTE E AS PESSOAS DO DISCURSO

Como base teórica para a presente reflexão, apresentaremos alguns conceitos encontrados na abordagem enunciativa da teoria de Émile Benveniste (1989, 1991) que, sem dúvidas, é a mais representativa de todas as que integram o campo da Linguística da Enunciação (cf. Flores e Teixeira, 2005; Flores, 2013).

Benveniste se dedicou ao estudo semântico da língua com vistas à enunciação e, com base nesta perspectiva, que não ignorou as concepções de sistema e de signo do pensamento saussuriano, o autor buscou a articulação entre a língua e o sujeito que dela faz uso, reconhecendo o lugar daquele que se apropria do conjunto de formas da língua para produzir sentido em suas enunciações.

Nosso objetivo específico no presente artigo é, ao apontarmos evidências da preocupação de Benveniste com as relações entre som e sentido na língua, destacarmos a presença de indícios de uma noção de escuta no âmbito da reflexão linguística enunciativa. Posteriormente, proporemos um deslocamento dessa interpretação que fazemos a partir do legado benvenistiano para o âmbito da clínica de linguagem, a fim de refletirmos acerca das posições ocupadas pelos sujeitos que constituem o ato enunciativo na cena clínica fonoaudiológica.

Começamos pelos princípios benvenistianos, então.

A partir da leitura do texto intitulado “*A natureza dos pronomes*” (artigo originalmente publicado em 1956, presente em Benveniste, 1991), vemos Benveniste colocar em destaque essa classe de palavras – os pronomes – apontando que ela compreende as instâncias do discurso. Tomando-as como fato de linguagem, o autor aborda os pronomes a partir de atos enunciativos, ou seja, atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor.

É preciso ver que, para Benveniste, o dispositivo trinitário da enunciação *eu-tu/ele* confere a noção de pessoa somente a *eu* e a *tu*, posto que o terceiro elemento é representativo da não-pessoa, pessoa ou assunto de quem/de que se fala. Nesse sentido, entende-se que *eu* é o indivíduo que enuncia a presente instância do discurso (que contém a partícula *eu*), fixando as referências da alocação atual e introduzindo uma definição simétrica para *tu*, indivíduo alocutado que dirá *eu* na próxima alocação. Ou seja, este signo único, mas móvel – *eu* – pode ser assumido por todo locutor, com a condição de que ele só remeta à instância do seu próprio discurso, uma vez que é identificando-se como pessoa única pronunciando *eu* que cada um dos locutores se propõe alternadamente como “sujeito” e fundamenta o discurso individual, no qual cada falante assume por sua conta a linguagem “inteira”.

Assim, os indicadores *eu* e *tu* não podem existir como signos virtuais, não existem a não ser na medida em que são atualizados na instância de discurso, em que marcam para cada uma das suas próprias instâncias o processo de apropriação pelo locutor. (BENVENISTE, 1991: 281)

Dessa forma, *eu* não carrega valor a não ser na instância em que é legitimado por quem o produz, do mesmo modo que *tu*, uma vez que instaurado na dependência de um *eu*, é atualizado a cada vez por um novo enunciado produzido. Assim também os pronomes demonstrativos e os advérbios de tempo e espaço, que, como formas vazias, só significam a partir da instauração do *eu* em um determinado contexto de

enunciação que estabelece suas referências, tendo sempre em conta a (presente) instância do discurso.

Assinalamos que as proposições teóricas acerca das formas pronominais da estrutura enunciativa apresentadas por Benveniste contribuem enormemente para as questões pertinentes à clínica de linguagem, por se dedicarem à instauração linguística de cada indivíduo quando se enuncia como locutor; — aspecto importante para a clínica de linguagem, onde os sujeitos se deparam com a escuta (lugar do *tu*) do seu modo particular de apropriação da língua (lugar do *eu*). Detalharemos essa particularidade mais adiante.

Avançando nos argumentos do linguista sírio-francês, acerca das posições ocupadas pelos sujeitos no discurso, cabe destacar os princípios referentes à subjetividade na linguagem e registrar que, para a palavra assegurar a comunicação, é preciso que esteja habilitada pela linguagem. Em “*Da subjetividade na linguagem*”, escrito para um jornal de psicologia no ano de 1958, o autor critica a noção reducionista de linguagem como instrumento da comunicação e indica que essa faculdade (a linguagem) tem a propriedade essencial de ser constitutiva do homem. Em suas palavras: “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de “ego””. (Benveniste, 1991: 286)

Neste prisma, o processo de comunicação é visto como consequência da condição fundamental de polaridade das pessoas na linguagem, isto é, refere-se à condição do diálogo, que tem as bases assentadas no fenômeno da alteridade: “eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*” (ibidem). Outra vez, encontramos o linguista demonstrando que a consciência do sujeito é adquirida quando contraposta a outro, isto é, a oposição entre *eu e tu*; portanto, os indicadores da dêixis são responsáveis pela instauração da subjetividade na linguagem, uma vez que significam em um determinado contexto de enunciação, marcado a partir da alocação de um sujeito denominado “eu”.

Até mesmo em um monólogo se pode evidenciar a díade eu-tu, entretanto tendo a peculiaridade de estarem ambas as posições encarnadas em um único indivíduo. Conforme Benveniste,

O ‘monólogo’ é um diálogo interiorizado, formulado em ‘linguagem interior’, entre um eu locutor e um eu **ouvinte**. Às vezes, o eu locutor é o único a falar; o eu **ouvinte** permanece entretanto presente; **sua presença é necessária**

e suficiente para tornar significativa a enunciação do eu locutor.
(BENVENISTE, 1989: 87-88, grifos nossos)

De acordo com Benveniste, é a capacidade do locutor de se propor como sujeito no exercício da língua que assinala a subjetividade – noção intimamente aliada à de pessoa, sendo os pronomes pessoais (*eu-tu*) o primeiro ponto de apoio; e quando o linguista declara que a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste, vemos evidente a natureza intersubjetiva da linguagem, que permeia a relação do sujeito com sua própria fala, a interpretação produzida por seu interlocutor e o funcionamento da língua; destacando que nas três posições a questão da escuta atravessa a estrutura *eu-tu/ele*.

É, então, partindo da noção de subjetividade na linguagem, fortemente marcada pelos lugares enunciativos *eu* e *tu*, que recortamos da obra de Benveniste esses conceitos primordiais e indispensáveis referentes às posições ocupadas pelas pessoas do discurso, apresentando questões que certamente repercutem no modo de pensar os indivíduos implicados na cena terapêutica e auxiliam na reflexão a respeito da construção das relações de som e sentido no modelo de interação linguística, considerando a relação falante-ouvinte. Ou seja, acreditamos que é a partir da instauração da categoria de pessoa e definindo as pessoas do discurso que, de acordo com o autor, só ganham plenitude quando assumidas por um falante, que poderemos apontar a presunção da presença de um ouvinte que associa formas e sentidos, o que implica pensar também no conceito de escuta. É nessa direção que avançaremos a seguir, ao nos dedicarmos à consideração das relações existentes entre forma e sentido na proposta desse autor.

3. A FORMA E O SENTIDO NA PERSPECTIVA BENVENISTIANA

No texto “*A forma e o sentido na linguagem*”, proferido na ocasião de uma conferência em um congresso de filosofia em 1966, Benveniste (1989) propõe discutir a relação entre forma e sentido a partir da noção de funcionamento da língua, definindo que sentido, como o conjunto de elementos abarcados pelo coletivo, e forma, como substância linguística concreta afastada do sentido, não bastam para resolver a questão que se impõe.

Opor a forma ao sentido é uma convenção banal e os próprios termos parecem assim usados; mas se nós tentarmos reinterpretar esta oposição no fun-

cionamento da língua integrando-a e esclarecendo-a, ela retoma toda sua força e sua necessidade; vemos então que ela contém em sua antítese o ser mesmo da linguagem. (BENVENISTE, 1989: 222)

É na direção de abordar a significação como um problema de língua e de linguagem que o linguista apresenta noções essenciais de sua teoria, auxiliando na fundamentação dos interrogantes que este trabalho propõe.

Ainda nesse prisma, que considera a enunciação como atitude que comporta tanto uma estrutura material e, portanto, relacionada à percepção, quanto uma estrutura incorpórea e intimamente ligada aos sentidos que evoca, Benveniste nos apresenta a linguagem organizada em dois planos.

De um lado é um fato físico: utiliza a mediação do aparelho vocal para produzir-se, **do aparelho auditivo para ser percebida**. Sob esse aspecto material presta-se à observação, à descrição e ao registro. De outro lado, é uma estrutura imaterial, comunicação de significados, substituindo os acontecimentos ou as experiências pela sua “evocação”. (BENVENISTE, 1995: 30, grifos nossos)

Na perspectiva adotada por nós, ambos os planos são correlatos à noção de escuta, conforme tentaremos tornar evidente na sequência do texto.

Sendo bastante sintéticas, Benveniste sugere, no texto “*A forma e o sentido na linguagem*”, duas maneiras de ser língua: uma semiótica e outra semântica. Essa proposta, na qual os dois modos de língua se encontram implicados, considera o signo como unidade semiótica e a frase como unidade semântica. Na esfera semiótica, o significante tem forma, isto é, representa uma estrutura formal, e sentido – função distintiva; assim como a face do significado, tem forma enquanto opera um reconhecimento, e sentido, posto que significa. No âmbito do semântico, os princípios da forma e do sentido existem também simultaneamente, uma vez que a forma se refere ao agenciamento das palavras no sintagma, e o sentido representa a ideia emitida pela frase. Com isso, Benveniste destaca que os conceitos de forma e de sentido na linguagem devem ser constatados no funcionamento da língua.

Sabendo que a perspectiva benvenistiana é fortemente marcada por um viés semântico da linguístico, e assim em sua reflexão sobre as relações de forma e sentido os encaminhamentos são prioritariamente guiados pelo aspecto semântico da relação entre forma e sentido, ocorre-nos indagar a respeito de qual o lugar a forma toma nos atos enunciativos, tanto para o locutor como para o alocutário. Ou seja, há ainda terreno fértil, no âmbito da linguística de inspiração benvenistiana, para uma discussão detalhada acerca da maneira como o “tu” se apropria dos enunciados evocados pelo

“eu”. Não se tratando de uma mera inversão das relações entre forma e sentido nas posições ocupadas por *eu* e *tu* nas trocas dialógicas, mas do acréscimo de uma problematização do lugar do “ele” na relação *eu/tu*. Obviamente, estamos a questionar a posição daquele que escuta (o *tu*) no cerne de uma reflexão linguística que propõe pensar a construção das relações entre forma e sentido em uma perspectiva trinitária: *eu-tu/ele*.

Estas noções nos interessam particularmente visto que, na análise da teoria benvenistiana, há respaldo para considerar a concepção do significante como forma sonora que constitui e designa o significado, e não apenas como uma sequência de sons que a estrutura vocal da língua demanda.

[...] os sons emitidos e percebidos, quer sejam estudados dentro do quadro de um idioma ou nas suas manifestações gerais [...] procedem sempre de atos individuais que o linguista surpreende sempre que possível em uma produção nativa, no interior da fala. (BENVENISTE, 1989: 82)

Percepções que amparam questões referentes à noção de escuta que, conforme acreditamos, desempenha função decisiva no exercício da língua.

4. SOBRE A FORMA E O SENTIDO COMPARTILHADOS NO DIÁLOGO

Quando o sujeito apropria-se da língua, essa operação – a conversão da língua em discurso (enunciação) – dá-se:

1. Através de um ato individual de utilização (*eu*);
2. Na dependência de um alocutário (*tu*).

Portanto, não há uma única maneira de apropriação da língua, mas sim tantas quanto o número de falantes e de interlocutores (tantas vezes renovados) que constituem o processo. Esta apropriação aponta para “aquele que fala em sua fala” (Benveniste, 1989: 84), e, durante o diálogo, ocorre o entendimento da forma e do sentido por parte de cada um dos interlocutores.

[...] por uma forma convencional de enunciação que se volta sobre si mesma, que se satisfaz em sua realização, não comportando nem objeto, nem finalidade, nem mensagem, pura enunciação de palavras combinadas, repetidas por cada um dos enunciadores. (BENVENISTE, 1989: 90)

Se, como apontamos acima, não existe um só modo de apropriação da língua, e se cada sujeito tem a sua singularidade tanto no aspecto evocativo como no receptivo,

é nessa direção que, muitas vezes, deparamo-nos com falas em que há predominância da incompreensão, as chamadas falas desviantes. Mas bem devemos lembrar que Benveniste nos diz que “para o mesmo sujeito, os mesmos sons não são jamais reproduzidos exatamente” (Benveniste, 1989: 82-83). Isso não nos parece um detalhe. O linguista sírio aponta que não é tão rígida assim a estabilidade nas relações entre forma e sentido. Assim, entendemos que as imprecisões fônicas da língua são até mesmo previstas e compõem a dinâmica da fala dos sujeitos, na leitura que se faz na perspectiva enunciativa. Parece importante assinalar, portanto, que nas ditas falas desviantes as relações entre forma e sentido tomam uma dimensão bastante peculiar. O desafio do pesquisador, seja ele fonoaudiólogo ou linguista, será buscar operadores teórico-metodológicos que subsidiem análises e/ou intervenções que contemplem esse singular tipo de relação entre sons e sentidos que emergem na fala do paciente.

Essa interpretação que fazemos dos conceitos benvenistianos encontra repercussões instigantes quando se observa dados oriundos de situações enunciativas particularmente singulares, como é o caso dos sujeitos que apresentam sintomas em suas manifestações de linguagem. A fim de ilustrar os aspectos até aqui apontados, apresentaremos, a seguir, um recorte de atendimento fonoaudiológico, exposto em Surreaux (2010)³. Como nosso objetivo no presente estudo é teórico (e não clínico), acreditamos não ser significativa a falta de detalhamentos sobre quadro clínico e o contexto do atendimento em questão; isso significa, obviamente, que a *ilustração* de uma cena terapêutica que aqui utilizamos não deve servir de base para qualquer generalização teórico-clínica. Observemos o fragmento enunciativo, então.

Contexto enunciativo: fonoaudióloga e paciente (E., criança de 8 anos), conversam sobre um episódio que E. vivenciou dias antes com um grupo de amigos.

³ O fato linguístico analisado a seguir integra o Banco de Dados ENUNSIL (Enunciação e Sintoma na Linguagem), do Instituto de Letras da UFRGS, cf. Surreaux (2010).

Paciente	Fonoaudióloga
	1. Brincando com as gurias?
2. Ééé...	
3. Qui qui qui	
4. Bah, o xoun embolotou as gurias	
	5. Quem que embolotou as gurias?
6. O xoun	
	7. Senta direitinho para falar, E.
8. O xoun	
	9. O João embolotou as gurias?
10. O xoun	
	11. Som?

	12. O que que é o som?
13. U xoun	
	14. Um barulho?
15. Não lembu	
	16. Como que é o nome dele?
17. Xoun	
	18. Som?
19. [risada]	
	20. Como que é o nome dele?
21. É xoun	
	22. É mesmo?
23. É	

Quadro 1: Dado linguístico que integra o Banco de Dados ENUNSIL (Enunciação e Sintoma na Linguagem), do Instituto de Letras da UFRGS.

Na interpretação que fazemos deste dado, notamos que o paciente foi convocado pela terapeuta a ser ouvinte não só da fala do outro (o *tu*, a fonoaudióloga), mas também a ser ouvinte de sua própria fala (o *eu*). Ainda mais que isso, o paciente é instigado a estar atento para a maneira particular através da qual se apropria e produz relações singulares entre som e sentido com os elementos da própria língua (turnos 5, 9, 11, 12, 14, 16, 18, 20). Quanto à terapeuta, acreditamos que lhe coube operar com uma noção de escuta para além do aspecto motor articulatório, considerando os efeitos perceptivos voltados para o fenômeno acústico, e sua combinação com a repercussão semântica. Ao final deste pequeno recorte de diálogo (turnos 22 e 23), ambos parecem ceder ao embaraço das dificuldades interpretativas e acabam por partilhar a ilusão de um entendimento, ou mesmo se acomodar em um discreto gesto de resignação.

Percebe-se que há tentativas de aproximação entre a forma fônica “xoun” e um possível sentido sendo anunciado de maneira recorrente pela terapeuta, embora a relação por ela proposta não seja reconhecida e/ou compartilhada pelo paciente. Longe de intencionarmos um método de higienização das relações entre forma e sentido no âmbito da clínica fonoaudiológica de linguagem, nossa interpretação desse pequeno recorte busca sublinhar a importância de reconhecer no gesto enunciativo dos pacientes em atendimento fonoaudiológico a consideração de um lugar de fala, o *seu* lugar de fala. Mais importante que intervir sobre os ditos “desvios” na fala dos sujeitos, parece-nos ser resgatar e/ou preservar um lugar enunciativo para o sujeito, um compromisso com a instância de enunciação. Ou seja, mesmo que entre a díade eu-tu não se tenha chegado a um consenso da relação entre som e sentido (correferência), há a preservação do reconhecimento de um lugar de fala outorgado ao paciente. Parece-nos que a fonoaudióloga indica possibilidades semânticas para a forma “xoun”, no entanto, cabe ao paciente se apropriar dos destinos de *seu* dizer. Esse movimento, um deslocamento necessário no decorrer de um processo terapêutico em clínica de linguagem, é operado a partir da posição de escuta sustentada pelo *tu* (no caso, a fonoaudióloga).

Refletindo sobre a lógica do fazer clínico fonoaudiológico, que em algumas circunstâncias tende a se ocupar da fala tão somente enquanto produção fônico-articulatória, surge o ponto capital dessas questões que demandam uma jornada “escutatória” pelas veredas dos atendimentos em clínica de linguagem, e nos convidam a pensar na função da escuta, reconhecendo que é a partir da suposição de que o outro

tem algo a dizer que podemos sustentar a comunicação. Nesse sentido, acreditamos que as contribuições da teoria benvenistiana advindas de sua reflexão sobre os aspectos enunciativos da linguagem, podem muito contribuir para fazermos avançar o diálogo teórico-clínico acerca da forma como os sujeitos negociam e compartilham (ou não) as singulares relações entre som e sentido.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Admitindo a fala como representante da forma como cada um organiza os signos de uma dada língua em seus enunciados, nos casos de distúrbios de linguagem, quando há evidente desacordo entre forma e sentido, o que é evocado pelo paciente nem sempre é relacionado a alguma significação, por parte do interlocutor. Muitas vezes o enunciado produzido perde-se no vazio e limita-se ao entendimento do próprio enunciador, pois a enunciação não cumpriu sua função de compartilhamento de formas e sentidos entre interlocutores. Contudo, é de vital importância levarmos em consideração que o que pode não representar enunciado compreensível para o *tu* (o ouvinte), pode o ser para o *eu* (o falante), o que arrisca acentuar uma incompreensão entre os interlocutores.

A noção de escuta que atravessa nossas reflexões não se encontra limitada apenas ao perceber a produção sonora do outro, mas manifesta um agir, um ajuste de ouvido que suspeita da perplexidade que a escuta convoca. Nesse sentido, a perspectiva que esse trabalho aponta é a de destacar a necessidade do alocutário de falas frequentemente incompreensíveis levar em consideração a não passividade da posição de ouvinte do *tu*.

Em “*O aparelho formal da enunciação*”, Benveniste apresenta uma reflexão que converge com esse ponto de vista.

Cada enunciação é um ato que serve o propósito direto de unir o **ouvinte** ao locutor por algum laço de sentimento, social ou de outro tipo. Uma vez mais, a linguagem, nesta função, se manifesta, não como um instrumento de reflexão mas como um modo de ação. (BENVENISTE, 1989: 90, grifos nossos)

No desenvolvimento dessas questões, torna-se indispensável ter em destaque o emprego da língua, ao invés da ênfase (apenas) no emprego das formas, como um mecanismo que, de uma maneira ou de outra, afeta a língua inteira. Retomemos, nes-

te ponto, a pergunta que mobilizou nossas reflexões: de que maneira a noção de escuta auxilia o processo terapêutico?

Ora, se, como vimos, a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização, que estejamos, então, atentos à escuta do modo como o locutor a mobiliza por sua conta, dando contornos de sentido à maneira como a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. Authier-Revuz em *“Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido”*, coloca em ênfase esse exercício de escuta.

O lugar da interpretação analítica é a linguagem: trata-se não de passar, a partir do sentido manifesto veiculado por uma palavra-instrumento através da tradução-comentário, a um sentido oculto, **mas de um trabalho de escuta** que é de recorte, de pontuação, de eco e que se efetua sobre a materialidade da cadeia falada. (AUTHIER-REVUZ, 2004: 53, grifos nossos)

Sendo assim, concluímos que no terreno da clínica fonoaudiológica de linguagem, muitas vezes a relação entre forma e sentido soa como desviante para o interlocutor (o *tu*), sem, no entanto, repercutir como alterada para aquele que fala (o *eu*). As produções singulares dos pacientes partem dos mesmos princípios enunciativos das falas ditas “normais”. Contudo, devido à materialidade fônica afastar-se muitas vezes da média da comunidade linguística em que o paciente está inserido, surgem as constantes incompreensões entre ele e seus interlocutores. Caberá ao estudioso da linguagem (fonoaudiólogo e/ou linguista) a tarefa de aventurar-se nesta empreitada, considerando sempre a singularidade do sujeito na linguagem. É justamente aí que o especialista em linguagem terá a oportunidade de fazer valer sua formação: operando a partir de uma escuta singular dos distintos modos de relacionar-se com a língua.

Em tempo, fazemos uma última observação. Ainda que no presente artigo nosso recorte tenha sido orientado pela clínica fonoaudiológica de linguagem de maneira específica, as considerações que tecemos tencionam ser expandidas a pensar na escuta como procedimento das relações singulares entre som e sentido para além do processo terapêutico tão somente.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2004.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri, com revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. Campinas, SP: Pontes Editores, 1995.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Tradução Eduardo Guimarães, Marco Antônio Escobar, Rosa Attié Figueira, Vandarsi Sant'Ana Castro, João Wanderlei Geraldi, Ingedore G. Villaça Kock, com revisão técnica de Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes Editores, 1989.

FLORES, Valdir do Nascimento. Por que gosto de Benveniste? Um ensaio sobre a singularidade do homem na língua. Porto Alegre: *Letras de Hoje*, v. 39, n^o4, p.217-230, dezembro, 2004.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à lingüística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

SURREAUX, Luiza Milano. O “efeito de transcrição” na escuta de falas desviantes: uma leitura enunciativa. Porto Alegre: *Anais do SITED*, p.331-336, setembro, 2010. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/sited/arquivos/LuizaMilanoSurreaux.pdf>

Recebido no dia 18 de outubro de 2019.

Aprovado no dia 04 de março de 2020.